

A milícia do nacional-socialismo alemão: a SS, uma história

JOÃO FÁBIO BERTONHA*

RESENHA

KOEHL, Robert Lewis. **História revelada da SS**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2021, 368 p.



O finado historiador Robert Koehl Lewis (1922-2015) teve uma trajetória singular no tocante aos seus estudos sobre o nacional-socialismo, área em que se especializou. Ele não apenas estudou o assunto em nível acadêmico, como o vivenciou diretamente, como oficial do Exército americano em ação na Europa durante a guerra. Essa experiência provavelmente influenciou a sua trajetória profissional, já que sua carreira foi focada, a partir dos anos 1940, no estudo das milícias nazistas e sua

função no regime criado por Adolf Hitler em 1933.

Lewis apresenta, nesse livro, a história da polícia política nazista, a *Schutzstaffel*, cuja sigla, SS, se tornou um quase sinônimo da brutalidade e da violência perpetradas pelo nacional-socialismo alemão. O livro se pretende um manual, um apanhado geral, que, sem avançar em questões historiográficas ou interpretativas maiores (a não ser de forma lateral), se concentra na história da organização em si. A narrativa que se apresenta é cronológica e factual, seguindo a história da SS desde os seus primórdios, entre 1919 e 1924, passando pela sua fundação oficial, em 1925, e chegando até o seu colapso, junto com o resto do Terceiro Reich, em 1945. O seu caráter de manual fica evidente, inclusive, na sua estrutura: os sete capítulos que o compõem são divididos não por temas, mas de forma totalmente cronológica.

É uma reconstrução minuciosa, seguindo as idas e vindas organizacionais e ideológicas da SS, pelo que se constitui em



* **JOÃO FÁBIO BERTONHA** é professor de História (graduação e pós-graduação) na Universidade Estadual de Maringá/PR e pesquisador do CNPq, com bolsa produtividade. Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas e Pós-Doutor pela Università di Roma, USP e a European University Institute de Firenze (2014-2015) e na Universidad Carlos III de Madrid (2019-2020), com bolsas CNPq e Capes.

um texto introdutório adequado para os que quiserem começar a compreender a polícia política nazista e seus inúmeros desdobramentos e facetas.

Essa reconstrução genealógica é um ponto de destaque no livro. Especialmente nos primeiros anos, os corpos livres e as forças paramilitares ligadas ao NSDAP surgiam e desapareciam com frequência, se fundiam ou se separavam e é difícil acompanhar as suas trajetórias, pelo que o trabalho do autor é bastante útil. Só a partir de meados dos anos 1920 é que essa confusão de grupos, nomes e siglas diminui um pouco, mas ela esteve presente, na verdade, até o fim do regime, indicando a sua natureza caótica. e a perspectiva do “dividir para conquistar”. A ênfase do autor no factual acaba por se revelar, nesse caso, um instrumento válido para a compreensão do tema em estudo.

O caráter informativo e didático do livro se confirma ulteriormente pelo fato de ele não contar com notas de rodapé e nem com uma bibliografia final. O texto flui em uma narrativa quase perfeita, sem a indicação de debates, questões, nuances ou de pontos cegos no nosso conhecimento. Setenta anos de estudos a respeito da SS aparecem no texto apenas de forma indireta e isso limita bastante o seu valor para especialistas que já tenham algum conhecimento acumulado sobre o tema. Mesmo assim, ele engendra algumas questões e problemas que merecem ser mencionados.

Um ponto forte do livro é quando ele trabalha com a relação entre as forças paramilitares e os militares. Já em 1919, as diferenças ficaram evidentes: os *Freikorps* utilizados para conter a agitação operária e combater a esquerda eram formados por ex-militares e seguiam um *ethos* militar, mas tinham uma politização inédita e, na verdade, culpavam os militares profissionais por terem perdido a guerra e por serem incapazes de restaurar a ordem.

Ao mesmo tempo, boa parte do seu financiamento e do seu armamento e das suas ordens vinham da cúpula militar, o que indica o caráter dual, de competição e aliança, que marcou a relação das forças armadas alemãs com as forças paramilitares nazistas (e também as nacionalistas e outras) por toda a República de Weimar e, depois, no Terceiro Reich.

A partir, grosso modo, de meados dos anos 1920, a divisão crucial, em termos institucionais, passa a ser entre a SA e a SS. A primeira era uma força imensa, dentro da qual as perspectivas de uma nova ordem nazista parecem ter sobrevivido com mais força. A segunda, por sua vez, foi criada justamente como oposição a primeira, uma força de elite, disciplinada e capaz de fazer valer os desejos do partido e, acima de tudo, do próprio Hitler.

A parte ambições pessoais, disputas por controle de orçamento e prerrogativas, as questões que parecem dividir o partido, e suas forças paramilitares, a partir de meados dos anos 1920 são duas: o papel dos milicianos na conquista do poder e sua função no futuro Estado nacional-socialista. Essa disputa – que acabou por se corporificar na oposição entre a SA e a SS – tem lugar de destaque na reconstrução de Koehl, que sumariamos a seguir.

A partir de 1925, Hitler havia chegado à conclusão que só chegaria ao poder pela via legal e que aventuras como o putsch de Munique de 1923 (no qual a SA, aliás, havia se revelado pouco eficiente enquanto instrumento para um golpe de Estado) não deveriam se repetir. Nessa perspectiva, as SA deveriam ser apenas forças de guarda-costas das atividades do NSDAP e vetores da propaganda, a serviço da liderança partidária. Já a liderança da SA continuava convencida que ela seria capaz de pressionar o governo da República de

Weimar na direção desejada pelo partido e, no limite, tomar o poder pela força.

Enquanto Hitler privilegiava uma estratégia gradual de conquista do poder, através da aliança com as forças conservadoras, a SA era mais impaciente e ameaçava essa estratégia, o que era mais um dos motivos pelo qual ela teve que ser eliminada: a SA não apenas era vista como uma ameaça, dado o seu tom popular, pelas forças tradicionais como a sua impulsividade podia atrapalhar as negociações em curso com essas mesmas forças para tornar o NSDAP palatável às classes dirigentes. Depois da conquista do poder, de forma similar, o problema da SA era a sua impaciência. Hitler considerava que a conquista do Estado seria um processo lento, a ser conduzido de forma permanente por uma força de elite. A SS seria a força mais capacitada para dar conta dessa tarefa, enquanto a SA poderia, com sua impetuosidade, colocar tudo a perder.

Do mesmo modo, a SA foi desenvolvendo, no decorrer do tempo, um projeto pelo qual ela seria a base de um novo Exército popular. Pouco a pouco, sua liderança foi privilegiando a construção de um aparato pré-militar, com a constituição de unidades motorizadas e de serviços, treinamento militar e um sistema hierárquico mais elaborado, deixando para trás a época em que a SA era apenas um bando de valentões dispostos a brigas de rua. A herança da época anterior, de indisciplina e violência gratuita, não foi superada completamente, mas a SA estava a se distanciar de Hitler e do próprio partido, especialmente no que se refere aos acordos com as forças conservadoras e no tocante ao seu papel na nova ordem.

A SS surgiu, nesse ponto, como uma força de elite e com funções centralmente policiais. Se, no futuro, ela seria usada para policiar e reprimir a população alemã e europeia, na sua origem seus objetivos

eram mais modestos: proteger os comícios e as atividades nazistas e controlar as forças centrípetas dentro do próprio partido. Não se deve imaginar que essas disputas eram insuperáveis: a SS, a SA e o partido trabalhavam juntos para atingirem um objetivo comum. Além disso, em 1933-1934, com a absorção das milícias do movimento conservador *Stahlhelm* na SA, quaisquer tons revolucionários que ela poderia ter ficaram ainda mais diluídos. No entanto, o caráter popular da SA e a sua perspectiva potencialmente radical acabou por convertê-la em uma ameaça potencial de Hitler, especialmente à medida em que prosseguiram suas negociações com as classes dirigentes alemãs tradicionais.

Nesse sentido, o golpe de Hitler e da SS contra a SA em 1934 não foi simplesmente um “preço a pagar” para atender às classes dirigentes e ao Exército, incomodadas com o aspecto popular da SA e com a sua pretensão de se tornar um Estado dentro do Estado. A “Noite das Longas Facas” foi também uma forma de garantir que o movimento nacional-socialista como um todo estaria alinhado com as perspectivas hitlerianas de chegar ao poder através de acordos com as classes dirigentes e de ocupar o Estado de forma lenta, sem conflitos excessivos. E, do mesmo modo, foi um golpe em uma organização que havia se tornado poderosa e ambiciosa demais. Essa relação entre os militares e os milicianos da SA e da SS, com as tensões explodindo em 1934, é uma questão chave para entendermos a chegada do nazismo ao poder e sua consolidação e a reconstrução de Koehl é bastante adequada para a sua compreensão.

Outro aspecto interessante desse conflito entre a SA e a SS resgatado por Koehl é o seu aspecto classista. A SA recrutava majoritariamente entre trabalhadores rurais e urbanos, desempregados e outros que precisavam do seu posto nas milícias até para conseguir sobreviver. Já a SS

reunia oriundos da classe média baixa, mas também muitos profissionais liberais, como médicos, advogados e professores (os quais não queriam se misturar com as classes baixas), e até mesmo alguns nobres. Ser parte de uma “unidade de elite” como a SS, nos anos 1920 e no início da década de 1930, significava mais não ter que compartilhar os espaços com as classes sociais inferiores do que um ethos racial e político diferenciado, o que só viria a acontecer nos anos seguintes. O autor indica como a lealdade da SS à liderança do partido, cada vez mais dominada pelos trabalhadores de colarinho branco, também era uma solidariedade de classe média. O oficial SS padrão, ao contrário do seu equivalente na SA, tinha pouca simpatia por rebeldes, trabalhadores ou destituídos em geral. A presença de profissionais e acadêmicos na SS também era um fator de diferenciação frente a SA, pois dava a ela um ar “científico”, distante do voluntarismo popular da SA.

Outro ponto interessante trabalhado pelo autor a respeito dos anos cruciais de enfrentamento entre a SA e a SS (1933-1934) é a SS já tinha, por volta de 1933, um projeto de “Estado SS” dentro do Estado alemão. Seus escritórios, suas divisões e a sua estrutura de comando já estavam prontos para se fortalecer, crescer e operar, como, de fato, o fizeram nos doze anos seguintes. Seu projeto era ainda, contudo, pouco visível, especialmente frente ao caráter ostensivo do projeto de “Estado SA”. Em política, muitas vezes, é melhor passar despercebido ou ser subestimado e isso foi fundamental para a destruição da SA e a sobrevivência e crescimento da SS a partir de 1934.

A ironia do processo, evidentemente, foi que acabou por se formar justamente o que se pretendia impedir, ou seja, a criação de um Estado dentro do Estado, ou seja, a SS: as elites tradicionais e o NSDAP tinham optado por fortalecer a SS como forma de

impedir um poder exagerado da SA, mas acabaram por criar um poder paralelo igual ou talvez até maior. Ano após ano, a SS foi estendendo seu poder pelo Estado e pela sociedade alemães, saindo das funções policiais (como a vigilância interna e a gestão dos campos de concentração) para a gestão de empresas, a administração da política racial e inúmeras outras funções, incluindo a formação de unidades propriamente militares.

No início, em 1934, essas unidades militares eram, na verdade, forças de polícia organizadas em formato militar, as *Verfügungstruppe*. Em um primeiro momento, elas não eram pensadas como oposição ao Exército ou mesmo para ações em combate, mas como forças de segurança que, em caso de guerra, manteriam a ordem na retaguarda, evitando a “punhalada nas costas” de 1918. Elas eram consideradas tropas do partido, mas recebiam seu orçamento do Ministério do Interior, depois da aprovação da Wehrmacht, que também fornecia o armamento.

A guerra, a partir de 1939, evidentemente mudou tudo. O combate aos traidores e aos inimigos internos, razão de existir da SS, se tornou uma tarefa ainda mais ampla quando imensos territórios foram conquistados e determinou-se o extermínio ou a expulsão de povos inteiros para a colonização germânica e a formação do Império. Como bem indica o autor, uma espécie de profecia autorrealizada acabou por existir dentro do imperialismo alemão tal qual praticado pela SS: os soldados-políticos de Himmler viam inimigos em todo lugar e, ao agir com uma brutalidade sem par, estimulavam o seu surgimento até mesmo em locais onde eles não existiam antes, o que demandava mais operações policiais e ainda mais violência.

Ao mesmo tempo, a expansão das forças de caráter militar, nas *Waffen-SS*, permitiu a ela recuperar os sonhos da SA de se

tornar uma força alternativa a *Wehrmacht*. A ambição da SS parece ter sido a de chegar a 10% do efetivo das forças armadas em tempo de paz, o mesmo número pretendido, aliás, pela SA. Não seria o suficiente para eliminar o Exército, mas daria a SS força suficiente para contar ainda mais nos equilíbrios e disputas de poder no interior do regime. Na prática, isso nunca pôde se tornar realidade, até porque a maior parte das divisões da Waffen-SS era composta de unidades de polícia militarizada, pouco eficientes. Mesmo as unidades de elite, como as divisões blindadas ou as forças de voluntários germânicos, não tinham poder de fogo para competir com o Exército. De qualquer modo, a partir de 1941, a SS havia chegado perto de se tornar uma estrutura econômica, política e militar autônoma, para além do partido e do Estado, ainda que a derrota militar tenha impedido que o processo tenha avançado até a sua conclusão esperada, ou seja, a independência completa.

As questões econômicas, especialmente no tocante a financiamento, também são um aspecto a valorizar no livro. Em 1932, por exemplo, a SS só conseguia manter sua independência porque os grandes industriais alemães canalizavam fundos diretamente a ela, sem passar pela SA ou pela tesouraria do NSDAP. Do mesmo modo, a expansão dos campos de concentração acabou por gerar uma fonte de renda própria – a partir da exploração do trabalho escravo – que permitiu à SS se tornar cada vez autônoma tanto do partido como do Estado. Durante a guerra, os campos de concentração se tornaram parte substancial da economia de guerra alemã e a SS foi a maior beneficiada econômica, já que os geria e administrava. Os analistas que discutem o como e o porquê de a SS

ter se tornado crescentemente autônoma (o que não aconteceu, por exemplo, com a milícia do partido fascista italiano) normalmente esquecem esse elemento econômico e financeiro e tal tópico deve ser ressaltado.

Em resumo, o livro de Koehl abre margem para discutirmos questões de importância a respeito do nazismo e vale a pena ser lido. No entanto, os seus limites são evidentes. Como já indicado, seu caráter de manual, sem fontes e notas, limita grandemente o seu valor, já que não há como confirmar e contestar informações e fontes. No tocante à edição brasileira, é a se valorizar a incorporação ao livro de um glossário e de um índice remissivo. Ainda assim, algumas imprecisões na tradução poderiam ter sido evitadas. Um exemplo seria *völkisch*, que foi traduzido como “folclórico”. O termo, contudo, tem uma conotação muito particular em alemão, se confundindo com nação, raça, tribo e se relacionando a políticas populistas, dentro do campo da direita política. O melhor, provavelmente, teria sido manter o original.

Mesmo assim, a tradução, em geral, foi bem feita. O que não se justifica é a adição da palavra “revelada” no título, não presente no original inglês e que é apenas um sensacionalismo desnecessário. O livro de Koehl, portanto, pode e deve ser lido pelos especialistas e pelos iniciantes no tema, mas apenas dentro do que se propõe, ou seja, uma introdução a um tema polêmico, espinhoso e que já engendrou a publicação de uma imensa historiografia, a qual foi, contudo, ignorada nesse volume.

Recebido em 2021-11-03|
Publicado em 2022-01-01